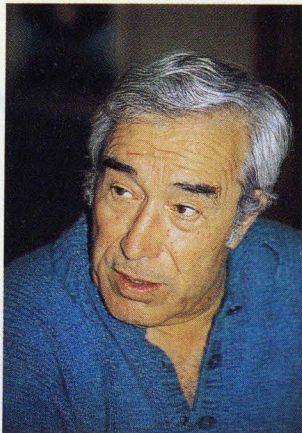


José Cardoso Pires



A sua balada está por contar. Delfim da escrita, rege-se por uma cartilha própria. Não se rende... Nas faces do grande livro que é a vida.

Entrevista: José Carlos Sales
Fotografia: Lena Crato

Qual é, para si, a melhor hora do dia?

A hora que eu mais gosto é a do nascer do sol. Sobretudo quando perco a noite, uma «directa» até ao nascer do sol.

O significado de ser escritor?

É a profissão que mais me agrada. Está permanentemente a provocar situações, a fugir às regras. É arte, dá-nos muita liberdade, sendo uma maneira extremamente artilosa de mostrar-mos a realidade.

A sua primeira paixão?

Foi por uma amiga muito bonita. Ainda hoje me lembro dela, chamava-se Ausenda. Eu tinha os meus dez anos, andava no Liceu Camões, ela na Escola António Arroio. Conheçemo-nos na catequese. Sofri, então, as tragédias próprias daquela idade e para meu

azar, o pai dela era sargento da Marinha, sendo oficial, de maneira que o pai dela soube e foi-se queixar ao meu.

Bom, arranjou-se um sarilho tal que a miúda nunca mais apareceu na igreja. Uma paixão sem maldade nenhuma... infelizmente.

O que é um escritor genial, fora de série?

É aquele que não tem comparação, que foge a todas as regras. Quando se é um grande escritor, não se faz série, cria-se a sua própria série. Eu penso que não há escritores fora de série, porque se são grandes escritores, fatalmente criam a sua própria série.

A frase de Jean-Paul Sartre «o homem pode bem passar sem a literatura, mas pode ainda passar melhor sem o homem» o que lhe sugere?

O homem não passa sem a literatura. Porque a literatura não é só o que está escrito. É uma quantidade de expressões que o homem toma, adquire. Acho essa definição de Sartre pessimista e, ao mesmo tempo, pretenciosa.

Quem é o seu escritor favorito?

Tenho vários, muitos. Por exemplo, o Cervantes e o Fernando Mendes Pinto.

E pintor?

Sei lá, tenho uma grande dificuldade: um Goya, um Eduardo Viana, um Pomar... etc.

O que mais detesta, acima de tudo?

A mim, às vezes, quando tenho determinados comportamentos ou reacções que não se integram num determinado ambiente. É o sentir que a pessoa se traiu a si própria.

O defeito que mais perdoa?

A vaidade ao belo, a vaidade à beleza.

O seu sonho mais louco?

Prefiro o pesadelo. É que sonhos loucos tenho muitos e nem sei qual é o *mais*. O pesadelo mais louco é a acrofobia. Sonho muito com o precipício.

Tem vícios?

Estou cheio deles, felizmen-

te. Fumo, gosto de comer, gosto de beber, gosto de guiar...

O que mais aprecia num homem?

O facto de ser diferente de tudo o que há na criação.

E numa mulher?

O de fazer parte dessa criação... (esta é muito reaccionária).

Tem heróis?

Não. Tenho é conceitos que eu considero heróis. Os heróis mudam.

Tenho uma peça que se chama «O render dos heróis», e é isso: os heróis rendem-se. De resto, não tenho heróis porque eles sobrepõem-se uns aos outros, passam o facho. Rendem-se.

Qual o seu prato favorito?

Bacalhau. Suponho que há cento e quarenta mil maneiras de cozinhar bacalhau. Das cem mil maneiras possíveis, aquela de que eu mais gosto é de bacalhau cozido.

E a bebida?

Vinho tinto e whisky.

O melhor filme que viu até hoje?

Primeiro, acho que não há ninguém que possa responder a isso.

Segundo, o filme que mais me marcou nos últimos anos, que me deixou mais assombrado, que eu não vi todo nem ninguém porque vinha todo cortado, foi «As portas do céu» do Michael Cimino.

A cidade do mundo de que mais gosta?

Lisboa. Mas há cidades onde eu gostava muito de viver. Em Londres, por exemplo. Barcelona, é uma cidade espantosa. Braga, Rio de Janeiro, são cidades bonitas.

O que mais aprecia em Lisboa?

É muito difícil, quando se gosta tanto de uma cidade como Lisboa. Aqui há uns anos dei uma entrevista muito grande e acabei por dizer muito mal de Lisboa. É verdade!

Isto é uma cidade que me enganou. Então com o Abecasis... Mas o que mais aprecio é a extraordinária resistência que a cidade tem. Desde que eu nasci nunca houve um presidente da Câmara que a tratasse bem e apesar de tudo aguenta-se, tem vida, tem alegria.

Se tivesse que aconselhar um livro a um amigo qual seria?

Isto é muito difícil, depende do amigo.

A sua maior qualidade?

A minha maior qualidade é estar a enfrentar uma pergunta destas.

Qual o seu pior defeito?

É difícil, tenho vários. O pior com certeza não lho vou dizer. Por exemplo, a falta de paciência para com os miúdos quando são pequenos. Enquanto eles não falam comigo, não têm piada nenhuma. As mães é que acham piada, eu não acho piada nenhuma.

Os seus projectos futuros?

Um novo livro que estou a escrever e que ainda não tem título.

Se tivesse uma lâmpada mágica quais seriam os seus três desejos?

Fazer um bom livro, escrever bem. Ter uma imagem viva das pessoas de quem mais gosto. Imagem viva, isto é: que mude, que varie mas que seja criativa. E gostava de ter muito desprezo pelos outros, pelos tipos que eu desprezo. Gostava de conseguir criar a capacidade de desprezo ao ponto da fazer dela, (do desprezo) uma qualidade.

Qual a música de que mais gosta?

É muito difícil dizer qual a música de que gosto. Depende sobretudo do momento.

Os seus actores favoritos?

Havia um actor de quem eu gostava muito e de quem já não gosto tanto, que era o Jack Nicholson. Gosto também da Cher.

O que há de mais sensual em si?

Não sei... tenho a impressão que é talvez o humor visual.

Quem gostaria e ser: Voltaire, Luther King ou Leonardo da Vinci?

Todos ao mesmo tempo se pudesse ser. Mas aquele que eu mais admiro é o Leonardo da Vinci.

O que lhe sugerem as palavras: poesia, enigma, suspense?

A poesia sugere-me uma relação abstracta.

O enigma sugere-me sempre uma relação mística. E eu sou um ateu praticante!...

O suspense sugere-me muita coisa ordinária, sugere-me o truque, o jogo fácil. ■

